

---

FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 347 p.

*Ana Paula Comin de Carvalho*

*Mestranda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil*

*Brasil Afro-Brasileiro* é fruto do desejo de alguns antigos pesquisadores ligados ao Grupo de Pesquisa de Estudos Afro-Brasileiros (GIEAB) – anexo à Faculdade de Letras da UFMG, de reunir os resultados de suas pesquisas e de resgatar o pensamento de teóricos que fazem parte da história desse grupo. A marca desse livro é a diversidade de enfoques que são dados à cultura afro-brasileira. São olhares do ponto de vista da antropologia da história e da literatura. Estão reunidos nessa obra artigos que se propõem a refletir de forma crítica sobre a situação do negro brasileiro no contexto das relações inter-raciais. São abordados temas como a configuração da identidade nacional, a imagem do negro no meio literário, a questão de gênero, a dimensão religiosa, a esfera estética e visual, a memória histórico-cultural dos grupos negros, as manifestações de uma negritude presentes no campo literário e no campo musical jovem, como é o caso do *hip-hop*, bem como a especificidade do trabalho antropológico junto a parcelas dessa população, suas implicações e desafios.

Lilia Schwarcz inicia a coletânea em um artigo que destaca a importância do conceito de raça na construção do Brasil como nação. Ela demonstra como houve uma apropriação seletiva de elementos das teorias raciais e racistas em voga nos séculos XVIII e XIX pela elite que pensava o país. Destaca-se também o papel de instituições como as faculdades de medicina do Rio de Janeiro e Bahia e de direito de São Paulo e Pernambuco nesse processo. A autora nos mostra que a discussão sobre a superioridade racial presente nesse período impossibilitou o debate sobre a cidadania das populações negras e mestiças.

Em *Inumeráveis Cabeças. Tradições Afro-Brasileiras e Horizontes da Contemporaneidade*, Edimilson Pereira e Nubia Gomes discutem as relações entre tradição e modernidade num contexto de pós-modernidade, a partir do estudo de uma festa de capina na comunidade de Arturos, em Contagem, (MG). Geralmente supõe-se uma oposição entre tradição e

modernidade, em que a última significaria a morte da primeira. Os autores relativizam esse posicionamento argumentando que na pós-modernidade o moderno seria mais um valor entre outros, assim como a tradição. A tradição só pode ser pensada enquanto tal porque está sempre mudando, num processo dialético onde se contrapõem o tempo dos antigos ao tempo das novidades, a tradição nostálgica à tradição princípio. O contexto da festa da capina serve de base para essa reflexão uma vez que existem dois movimentos: o dos jovens, que querem introduzir mudanças, e o dos velhos, que querem preservar a tradição. Ressalta-se o discurso militante dos movimentos negros que valorizam a tradição como algo novo que possibilita um panorama do que os negros podem vir a ser.

Leda Maria Martins propõe que se estude os rituais conhecidos como “congadas” e “moçambique” a partir do conceito de encruzilhada. Para ela, essas expressões culturais brasileiras delineiam o trajeto dos negros da África às Américas. A autora acredita que a adoção do conceito de encruzilhada possibilita o deslocamento de uma noção de centro cultural irradiador, de mestiçagem, sincretismo e fusão. Leda Martins aponta elementos comuns entre os dois tipos de rituais, compreendendo-os enquanto uma representação da história da escravidão dos negros no Brasil e do estabelecimento de um poder africano fundado no arcabouço mítico. Esse recontar que as congadas e o moçambique realizam é considerado como engenhosas maneiras de coreografar certos modos possíveis de vivência do sagrado, de apreensão e interpretação do real. Nesses festejos o passado é um lugar do saber e de uma experiência acumulativa que habita o presente e o futuro, sendo por eles também povoado numa perspectiva de tempo espiralar. Através da *performance*, os integrantes desses grupos revivem a história de seus antepassados e a reescrevem para as novas gerações, preenchendo os hiatos criados pelas diásporas oceânicas e territoriais dos negros. Através de uma análise da *performance*, a autora concebe os corpos que atuam nesses rituais como textos, como veículos de uma memória coletiva. Através dos gestos, movimentos, roupas e adereços os negros constroem frases em seus corpos, que falam da travessia marítima, da escravidão e da resistência: uma escrita expressada e representada por outros signos pictóricos dessa memória compartilhada.

Maria Nazareth Soares Fonseca nos incita a pensar sobre qual o lugar do negro no Brasil, a partir das representações do negro e negrura que circulam em textos produzidos desde o final do século XVIII, que tratam

das questões relativas à nação e à identidade nacional, até estudos contemporâneos, como os de Florestan Fernandes e Lilia Schwarcz. Para ela, o que ocorre na maior parte deles é uma negação da cidadania, que retrata qual é o papel da questão da cor e da raça no imaginário da nação. Segundo a autora, a visão que as elites brasileiras têm sobre o negro é estigmatizante, negando-lhe qualidades e reforçando o processo de exclusão social pelo fator racial.

*Comunicação, Identidade Cultural e Racismo* é um texto que busca refletir sobre as narrativas produzidas sobre a identidade brasileira. Elas são tomadas por Dalmir Francisco enquanto forma de organizar a experiência, e configuram dois tipos de identidade: uma da mesmidade, que funcionaria para as elites que idealizam um país, um estado-nação para si, e outra da diferença entre brancos e não brancos, trabalhadores e proprietários. Tomando essa perspectiva, como o negro seria visto no Brasil? Enquanto alguém que se diluirá numa “meta-raça”, como podemos observar nas obras de Oliveira Viana e Gilberto Freire, ou, de outro modo, que é fruto de uma perspectiva crítica que se subdivide em três correntes. Uma historicista e funcionalista que procura na escravidão as raízes da desigualdade, do preconceito, enquanto algo estranho ao capitalismo, que sobrevive a ele. Uma outra corrente estrutural funcional que percebe o preconceito racial interligado à estrutura de distribuição e repartição dos bens materiais e simbólicos no Brasil. Por fim, outra que reúne diversas interpretações da tradição marxista, que analisam o preconceito de cor como forma de legitimação a exploração de classe. O autor aponta convergências entre essas perspectivas: a classe social é reduzida à sua dimensão econômica e a uma concepção a-histórica e acrítica do preconceito de cor. O autor identifica, ainda, uma outra forma de ver o negro no Brasil, que, segundo ele, é fruto de movimentos religiosos e culturais negros dos anos setenta. Sob esse ponto de vista o negro é percebido como um sujeito que faz a sua própria história. É na década de oitenta que ocorre uma afirmação de uma cultura negra/afro-brasileira. Dalmir Francisco aponta a importância dos estudos acadêmicos para que os grupos negros possam lutar contra uma narrativa que os exclui seja a partir da idéia da diluição pela miscigenação, seja pela justaposição entre raça e classe, que escamoteia a discriminação.

Maria J. Somelarte Barbosa questiona a forma negativa como Exu é conhecido nas religiões afro-brasileiras, uma vez que originalmente na

África ele era e é considerado uma força criadora, geradora e onipresente, cuja existência se faz nas margens, nos limites. O caráter benéfico ou maléfico de Exu dependeria das energias de quem o invoca. A autora empreende uma aproximação entre as características de Exu e as da linguagem e palavra, ambas estão sujeitas a transformações em seus significados, a ambivalências, apresentando várias facetas. Para ela a característica mais importante a ser considerada é o poder de comunicação atribuído a Exu. Essa entidade seria o mensageiro entre as divindades e os mortais, aquele que tem o dom da palavra. É assim que ele aparece na literatura modernista no Brasil. Na umbanda, Exu passa por um processo de branqueamento. Existe uma reconstituição de sua identidade no país, em que ele se torna uma entidade associada ao mal, ligada à virilidade e à sexualidade. Como contraponto, na literatura modernista, entre autores como Mário de Andrade e em poetas como Abdias Nascimento, sublinha-se a sua característica comunicativa.

Em *Pierre Verger. O Olhar Daquele “que nasceu de novo pela graça do Ifá”*, Vera Casa Nova utiliza textos e imagens dos livros do autor – *Orixás* e *Lendas Africanas dos Orixás* – mostrando como o recurso fotográfico possibilita uma ampliação dos sentidos da situação descrita do ritual, revelando aspectos que tornam esse acontecimento mais pleno de sentido. A fotografia dessas cerimônias, segundo a autora, evoca os mitos e todos os seus componentes simbólicos, nos remetendo também à memória coletiva e à consciência religiosa. No livro *Orixás* as fotos trazem a experiência da memória, das origens de onde emana a autoridade religiosa, logo, o seu poder. O artigo pode ser definido como uma etnografia das imagens presentes nos dois livros de Pierre Verger. A sua análise persegue as múltiplas possibilidades que esses instantes aprisionados dos rituais, através do recurso fotográfico, ensejam na configuração de uma memória coletiva negra que estabelece vínculos de ordem ontológica entre Brasil e África.

Micael Herschmann integra a coletânea de textos com um estudo sobre o impacto produzido pelo *hip-hop* em São Paulo. Ele o percebe como um lugar de sociabilidade em que os jovens das periferias expressam o seu descontentamento. O *hip-hop* de São Paulo se contrapõe ao *funk carioca*, hostilizando-o pelo conteúdo leve das músicas, que não contribuiriam para uma conscientização da condição social ou racial. Esse distanciamento entre

o *hip-hop* e o *funk* se produz a partir da nacionalização desses movimentos musicais no país. A partir de entrevistas e observações que deram origem a dois trabalhos desse autor sobre o *funk* e o *hip-hop* no RJ e em SP, ele percebe que a organização dos participantes do *hip-hop* junto às suas comunidades cria e fortalece relações de solidariedade e de promoção da auto-estima dessas pessoas.

Enquanto uma reflexão sobre o racismo no Brasil, mais especificamente o preconceito contra a mulher negra, *Feminino no Plural. Negras no Brasil*, de Lidia A. Estanislau, procura mostrar como esta ocupa profissões desprestigiadas socialmente e mal remuneradas. Ela faz uma breve revisão bibliográfica sobre os estudos que repertoriam a trajetória das mulheres negras na história brasileira. Esses trabalhos mostram que, apesar de serem muito visíveis pela sua cor, as mulheres negras são geralmente invisíveis enquanto sujeitos históricos e sociais.

Ruth Landes esteve na Bahia entre os anos de 1938-39. Essa antropóloga americana debruçou-se sobre a questão das relações raciais brasileiras, mais especificamente sobre as formas de sociabilidade dos negros junto aos terreiros de candomblé e o papel das mulheres nesse contexto. Em seu artigo sobre a obra dessa autora, denominada: *A Cidade das Mulheres*, Nilma Lino Gomes busca problematizar a questão da subjetividade do pesquisador, do antropólogo, não apenas na sua relação com o outro, mas com a academia e com a produção da sua pesquisa. Ela ressalta a importância da relação política entre o pesquisador e seus informantes, bem como o contexto que os cerca. O seu intuito é mostrar que a obra de Ruth Landes lançou luzes para questões contemporâneas no campo da antropologia, destacando o seu estilo textual, a explicitação dos sentimentos do pesquisador em relação aos seus pesquisados e o caminho percorrido na construção do texto etnográfico, assim como a importância que *A Cidade das Mulheres* teve ao privilegiar como tema o gênero e a raça. Nilma L. Gomes esmiuça os aspectos metodológicos do trabalho dessa antropóloga americana que caiu no esquecimento durante muitos anos, nos dando valiosas pistas para uma reflexão sobre nossas próprias produções.

Francis Uteza analisa algumas passagens do livro de João Ubaldo Ribeiro, *Viva o Povo Brasileiro*, que remetem a aspectos das religiões afro-brasileiras, mais especificamente aqueles trechos em que são descritos rituais onde se evidencia a permanência da espiritualidade nagô-yorubá entre os negros da ilha de Itaparica. No seu entendimento, mais do que fazer uma

homenagem aos negros, João Ubaldo Ribeiro seleciona elementos ligados aos cultos da umbanda e do candomblé para dar conta de questões filosóficas mais profundas, como a relação do homem com o sagrado.

Cuti dedica seu artigo aos poemas presentes no livro *Cadernos Negros*, publicado em São Paulo no ano de 1985. Salientando o seu viés erótico, o autor levanta e questiona temas que estão relacionados com a opressão de uma cultura branca e católica, que pensa a alma e o corpo como coisas separadas, em contraposição à cultura negra brasileira, onde não haveria essa separação. A questão do erotismo na literatura e a sua distinção da pornografia no caso dos *Cadernos Negros* extrapola as definições conceituais da crítica literária e invade o campo da filosofia, das visões de mundo, e da percepção do homem sobre si mesmo.

Vagner Gonçalves da Silva trata da observação participante em comunidades religiosas afro-brasileiras. Dentre as especificidades levantadas pelo autor está a questão da iniciação do pesquisador na religião e as suas implicações para a pesquisa. Ele problematiza, também, os dilemas enfrentados quando do momento da escrita. Momento esse em que aquilo que foi observado e que está permeado de sensações, sentidos e significados, fruto de um longo trabalho de aproximação junto às comunidades, deve ser apresentado ao leitor. Vagner Gonçalves da Silva inventaria a forma como essas questões foram enfrentadas pelas diversas gerações de antropólogos, e nos coloca a par do atual debate que se dá tanto entre estudiosos da religiosidade afro-brasileira como também em toda a comunidade antropológica.

Alecsandro J. P. Ratts procura dar conta do fenômeno do “aquilombamento”, explorando os sentidos do termo no Brasil e na África. Ele enfoca a mobilização política contemporânea acerca do tema e os desdobramentos desse “aparecimento” em diversos campos. Seu texto traça aproximações entre os quilombos brasileiros e africanos para, em seguida, mapear os estudos que contribuíram para definir o que viria a ser um quilombo. Com o surgimento do art. 68 da Constituição brasileira surgem muitas indagações no âmbito acadêmico e jurídico sobre os termos “quilombos” e “remanescentes”. Há uma fixidez da lei e uma diversidade das situações das comunidades negras. Por fim, ele arrola todos os quilombos já estudados em cada região brasileira, a fim de enfatizar a diversidade do fenômeno que toma novas formas conforme o contexto em que emerge. Destaca-se a pouca atenção que era dada à questão nas regiões

Norte e Sul. Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste as comunidades negras rurais passam a ser reconhecidas como remanescentes de quilombos, enquanto que a região Nordeste concentra o maior número de quilombos identificados. É um texto muito interessante, sobre uma questão que se coloca como um desafio para historiadores, antropólogos e sociólogos, que agora têm de dialogar com a esfera jurídica.

Jussara Santos se encarrega de finalizar o livro, procurando historiar a trajetória de formação e desenvolvimento do grupo de estudiosos sobre a questão racial no Brasil da UFMG. Marcado pela multidisciplinariedade, o grupo procurou desenvolver estudos que contribuíssem para a construção de sólidos conhecimentos acerca da realidade do negro no Brasil, bem como explicitar o racismo velado e mascarado pela questão social. A autora mostra preocupação com o futuro do grupo e com a continuidade da proposta inicial enquanto uma tentativa de traçar pistas de vanguarda nesse campo de estudos.

*Brasil Afro-Brasileiro* é um livro provocativo, que toca em questões muito importantes sobre e para as comunidades negras brasileiras. Em tempos de globalização, em diversas partes do mundo a identidade étnica passa a ser tão importante quanto ou até mais que a identidade nacional, e gera conflitos sangrentos. Pensar a questão étnico-racial em nosso país a partir dos diversos campos de saberes, no intuito de ampliar a nossa compreensão sobre as experiências dos negros no Brasil, se coloca como um desafio que a obra em questão busca responder.